



Desvios em Porto Alegre: duas ações artísticas que incidem em rotas habituais da cidade

Detours at Porto Alegre: two artistic actions that focus on the city's usual routes

Desvíos en Porto Alegre: dos acciones artísticas que se centran en las rutas habituales de la ciudad

Cláudia Vicari Zanatta^I, Marina Costamilan Rombaldi^{II}

RESUMO

Partindo do entendimento sobre a vida regulamentada nas cidades globalizadas, o artigo trata de duas ações urbanas contemporâneas realizadas em períodos distintos, mas que trazem como denominador comum a presença das artistas propositoras no espaço público de Porto Alegre. Ambas ações têm como base o corpo e a cor e apontam novas formas de se relacionar e habitar a cidade, incidindo no cotidiano através da transfiguração do tempo e de pequenos desvios nos sistemas urbanos em que ocorrem.

Palavras-chave: arte contemporânea; cidade; ação urbana; desvios.

ABSTRACT

Starting from the understanding about regulated life in globalized cities, the article deals with two contemporary urban actions carried out in different periods, but which bring together the presence of propositional artists in the public space of Porto Alegre. Both are based on body and color, and point to new ways of relating and inhabiting the city, creating actions that affect daily life through the transfiguration of time and small deviations in the urban systems in which they occur.

Keywords: contemporary art; city; urban action; detours.

RESUMEN

Partiendo de la comprensión de la vida regulada en ciudades globalizadas, el artículo aborda dos acciones urbanas contemporâneas llevadas a cabo en diferentes períodos, pero que reúnen la presencia de artistas proposicionales en el espacio público de Porto Alegre. Ambos se basan en el cuerpo y el color, y apuntan a nuevas formas de relacionarse y habitar la ciudad, creando acciones que afectan la vida diaria a través de la transfiguración del tiempo y pequeñas desviaciones en los sistemas urbanos en los que ocurren.

Palabras clave: arte contemporáneo; ciudad; acción urbana; desvios.

^I Artista. Doutora em Arte Público y Poéticas Visuais, Universidade Politécnica de Valencia e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (cotutela). Docente do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. claudia.zanatta@ufrgs.br

^{II} Mestranda em Poéticas Visuais, no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. marinacrombaldi@gmail.com

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender. (SANTOS, 2006, p. 212)

A vida nas cidades contemporâneas globalizadas é feita de fluxos, tempos corridos e de infinitos regulamentos territoriais produtores de subjetividades individuais e coletivas. A rapidez e o excesso de informações (auditivas, visuais, arquitetônicas) faz com que desenvolvamos uma *hiperatenção* em busca de responder a tais estímulos; mesmo assim é impossível atentarmos a vários dos elementos ou situações que compõem o panorama urbano.

O surgimento de poéticas que propõem momentos de suspensão, elevação ou mesmo válvulas de escape a rotinas feitas de excessos, muitas vezes, modificam a percepção e comportamentos em relação aos fluxos urbanos e oportunizam que nos relacionemos com o espaço público de um modo menos ordinário. Assim, são geradas proposições, interpretações e narrativas frutos das relações estabelecidas entre a arte e situações e elementos constituintes das cidades.

A arte contemporânea está repleta de exemplos de artistas que investigam e experimentam outros modos de produção do espaço urbano que não os habituais. Uma das artistas brasileiras com larga trajetória nesse sentido foi Lygia Pape, a qual, ao longo de anos de trabalho, gerou conceitos oriundos de sua observação e prática criativa no meio urbano. Um dos principais conceitos gerados por Pape é o de “espaço imantado”, utilizando esse termo para se referir a situações existentes no cotidiano de grandes cidades que prendem a atenção e atraem os sentidos dos passantes como um ímã. Ou seja, algo na cidade que cria uma aura que eleva um elemento ou lugar a um patamar sensorial distinto, destacando-o de outras situações que acontecem no mesmo espaço (BORJAS-VILLEL; VELÁSQUEZ, 2012). Um *espaço imantado* dentro da cidade, por exemplo, seria gerado pelos vendedores ambulantes ao reunir diversos grupos de pessoas ao seu redor quando suas bancas estão postas. São espaços que *imantam* o olhar e o corpo.

Fig. 1 - Lygia Pape, *Espaços imantados*, Rio de Janeiro 1995/2011.

Embora a pesquisa de Pape sobre os *espaços imantados* tenha iniciado no final dos anos 60, tal conceito permanece atual para pensarmos quais seriam as situações ou elementos no espaço urbano contemporâneo que poderiam gerar uma sensação de *imantação* e de *reencantamento* de um cotidiano que, frequentemente, parece ter perdido seu poder de atrair um olhar mais demorado.

Segundo Giulio Carlo Argan:

Trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou; enfim, de dar-lhe a possibilidade [...] de reagir ativamente ao ambiente. (ARGAN, 1998, p. 219)

Nesse sentido apontado por Argan, a arte, considerando a ideia de *reencantamento* do mundo como forma de experimentar, viabilizar e, eventualmente, denunciar métodos de intervenção e normatização do uso e não uso do espaço urbano, abre a possibilidade de cogitarmos outras formas de vivenciar e gerar a urbe. Tal *reencantar-se*, muitas vezes, ocorre a partir da possibilidade de experimentar a cidade por meio do corpo.

Paola Berenstein Jacques reflete sobre um conjunto de ações e posturas que estão coligadas ao nosso corpo enquanto circulamos na cidade e como ele se transforma quando nos percebemos como constituintes da trama urbana.

...como dizia Milton Santos [...] a simples experiência corporal no cotidiano. Parto da premissa de que o estudo das relações entre corpo – corpo ordinário, vivido, cotidiano – e cidade, pode mostrar alguns caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micropolíticas ou ações moleculares de resistência ao processo molar de

espetacularização das cidades contemporâneas. (JACQUES, 2008, p. 1)

Jacques indica que no processo de desenvolvimento das cidades, os urbanistas teriam esquecido de olhar para o potencial poético urbano, direcionando seu foco para preocupações funcionais e formais do espaço, as quais acabam por ser determinantes no modo como iremos ocupar e vivenciar os ambientes. Tais direcionamentos quiçá empobrecem as possibilidades de experienciarmos a complexidade da cidade. Nesse panorama, a arte pode ampliar vivências e percepções, ocasionando transformações tanto em quem dispara uma proposição artística – o artista – quanto em quem a observa ou dela participa no meio urbano.

A partir das considerações apresentadas acima, neste artigo vamos tratar de duas ações urbanas contemporâneas realizadas em períodos distintos, mas que trazem em comum a presença de artistas propositoras no espaço público de Porto Alegre¹.

Porto Alegre, uma grande metrópole; uma *cronópolis*, como aponta Milton Santos feita de *sincronias* e *dissincronias* (SANTOS, 2001). Uma cidade organismo vivo e complexo que transporta, circula e funciona em diferentes camadas e direções a partir de vários guias, sendo o tempo um dos principais deles. Para Santos, na cidade contemporânea, o tempo é predominantemente o tempo hegemônico da economia, da política, da globalização, o tempo rápido. Todavia, na cidade, também, existem *sub-tempos* que se entrelaçam e dissolvem; há a convivência de diferentes tempos, tempos mais lentos, tempos outros. “A materialidade impõe um tempo lento.” (SANTOS, 2001, p. 22). A materialidade da cidade, por vezes, obriga a reduzirmos nossa velocidade, pararmos ou mudarmos o circuito. A arte também frequentemente trabalha com tempos e rotas diferenciadas, convida-nos a vivenciar o espaço urbano de modo não corriqueiro. É o que as proposições tratadas a seguir, intituladas *Panfletos* e *Meus desvios para o vermelho*, realizadas respectivamente pelas artistas xx e xx, propõem por meio da cor, da criação de tempos e situações não habituais, efêmeras, discretas ou não - como os *espaços imantados* de Pape.

Panfletos

Panfletos foi realizada em 2003 e consistiu na distribuição de panfletos com informações que remetiam a diferentes lugares-situações da cidade de Porto Alegre.

¹ As autoras do artigo pertencem ao grupo de pesquisa Cnpq Poéticas da Participação.

Os panfletos foram distribuídos pela artista em algumas sinalizas de trânsito da cidade a quem se encontrava parado - dentro de veículos ou a pé -, esperando o semáforo abrir para cruzar ruas movimentadas (Fig. 2).

As informações presentes nos panfletos foram impressas em letras pequenas (tipo 8) e situavam-se na parte de baixo do papel, como notas de rodapé de uma página feita de cor². Notas de rodapé, normalmente, aparecem nos textos em letras menores do que as do texto principal; para lê-las adaptamos o olhar, “chegamos mais perto”, como se nos deslocássemos para um outro plano na página. “Podemos ler um livro sem consultar as notas-de-rodapé, mas são elas que sugerem desvios do texto principal, apontando atalhos, outros textos, outros assuntos” (ZANATTA, 2003, s.p.). Se prestamos atenção a elas e as seguimos, podemos alterar nossa rota habitual, enveredando por outros caminhos.

Fig. 2 - Imagens de alguns dos panfletos e de sua distribuição por Cláudia Zanatta em Porto Alegre, 2003. Acervo da artista.



Comumente, os panfletos distribuídos nas cidades são materiais logo descartados por quem os recebe: são rejeitados. Para evitar o descarte imediato, os dessa proposição não eram muito similares aos distribuídos habitualmente nas ruas, nem objetivavam promover publicidade em relação a algum produto ou serviço. Eles buscavam seduzir pela cor chamativa, forma e pelas informações que não traziam grande esclarecimento sobre as situações-lugares às quais se referiam (ZANATTA, 2003).

² Para o trabalho da autora referente especificamente à notas de rodapé, consultar: http://www.ufrgs.br/lacad/trabalhos_graduacao/NotasdeRodapé_Zanatta.pdf

Os locais e situações que os panfletos indicavam eram muito diversos entre si e estavam situados em diferentes pontos da Porto Alegre, mas tinham em comum o fato de repetirem-se regularmente, fazendo parte do cotidiano da cidade. A pessoa que recebesse o panfleto, caso seguisse as orientações nele impressas, iria encontrar uma situação relacionada a um lugar específico. Entretanto, na proposição se trabalhava também com a hipótese de que poderia não haver reconhecimento imediato da situação indicada no papel ou talvez encontrasse outra situação, julgando que fosse aquela a qual ele se referia. Na realidade, nunca se soube se alguém que recebeu um panfleto foi a algum dos locais indicados. A proponente, depois de acionar a ação, não rastreou seu resultado. “Os panfletos me pareceram sempre como garrafas jogadas ao mar. Nunca soube se alguém realmente foi a algum dos lugares sugeridos” (ZANATTA, 2019, s.p.). O objetivo foi apontar desvios que pudessem abrir outras vistas ou modos de se relacionar com a cidade.

Segundo Paulo Reis,

Este trabalho de Cláudia Zanatta (*Panfletos*, 2003) opera uma circunscrição de lugares na cidade de Porto Alegre. Circunscrição que pede um compromisso geográfico e temporal das pessoas – há um lugar, uma indicação de horário e (a sugestão de) um acontecimento. Uma demarcação crítica/afetiva que, creio eu, distancia-se da constituição dos “circuitos ideológicos”, por exemplo, como a pensou em alguns de seus trabalhos o artista Cildo Meireles, ou das *Situações*, de Artur Barrio, mas que certamente não está descolada, em sua poética, de um traço político ou crítico, em relação à maneira cega e condicionada que ocupamos (ou abandonamos) nossos espaços públicos. (REIS, 2013, s.p.)

O intento foi gerar um tempo (mesmo mínimo) de busca de compreensão, de contextualização da situação por quem recebeu o panfleto. A quem ele se destinava? Por que remetia a lugares, indicando situações? Quem os propunha? Com que objetivo? O que eram os lugares-situações indicados?

Talvez o tempo da leitura de um panfleto seja o tempo para o sinal fechado abrir: instante de segundos para uma rápida olhadela antes do pé pisar novamente no acelerador ou retomar sua marcha. Contudo, talvez, o tempo da leitura dos panfletos seja ir até os lugares-situações aos quais eles remetem. Quem estabeleceu isso foi quem recebeu os panfletos.

Segundo Cláudia Zanatta:

O trabalho ocorria também na própria leitura, naquele átimo de tempo em que o passante ou condutor se detinha sobre um texto

que caía como um rodapé da cidade e o remetia para um outro local. E se alguém morasse em um dos endereços? Como teria sido a reação? Nunca saberei e não me detenho muito nisso. A ideia é mais ativar um imaginário, uma percepção, algo da ordem do efêmero, rápido, pausa muito pequena em um cotidiano feito de textos principais e com poucas notas ao pé que permitam desvios. Aliás, sempre busquei as notas de rodapé devido aos desvios. Manoel de Barros fala que é nos desvios que estão os arituncs maduros. (ZANATTA, 2019, s.p.)

Meus desvios para o vermelho

A ação *Meus desvios para o vermelho* (2020) foi proposta na cidade de Porto Alegre e partiu do desejo de ocupar, com o corpo, alguns espaços da cidade utilizando a cor como chave. A caminhada e a circulação rotineiras da artista propuseram, no primeiro momento, o reconhecimento do espaço da cidade. Nos trajetos, por diversas vezes, o olhar foi fisgado pelas cores do mobiliário urbano que contrastavam com a composição acinzentada. Esses pontos de cor foram sendo coletados e arquivados e, em dado momento, a artista sentiu o desejo de transformar o seu corpo em parte desses espaços de cor da cidade.

A transformação do corpo da artista para se assemelhar a cor do corpo da cidade em uma relação quase mimética foi feita por meio de um figurino confeccionado especialmente para a ação. O vermelho foi a cor escolhida intuitivamente para fazer parte do projeto, pensando-a como dimensão infinita e para além dos valores psicológicos que a estruturam. A metodologia utilizada foi a da busca orientada, a saída atenta em encontrar objetos, estruturas e construções que fossem similares à cor em questão, juntamente com possíveis encontros e atravessamentos. Após escolhidos os elementos do espaço urbano, foi traçado um mapa, ligando um ponto inicial a um ponto de destino final, passando por locais que pudessem, de alguma forma, tornar-se parte da composição da cidade em tons de vermelho.

O corpo que antes percorria Porto Alegre, buscando reconhecer o espaço, agora, torna-se um corpo artístico trajado por uma malha vermelha que o modela e o transforma em outra coisa que não o corpo como identidade. É um corpo que toma a forma de um *corpo-cor* que circula abraçando e se debruçando sobre a cidade em uma ação que jamais poderá se repetir da mesma forma outra vez. Nasce, então, a possibilidade de uma compreensão da cidade de Porto Alegre por meio da cor.

Essa ação integra um projeto que é um *continuum corpo-cor* que assume estados impermanentes, passando de um modo de ser e estar a outro, sendo ativado pela sinergia da cor e pela forma do espaço. Sendo muito mais do que algo que acontece nos corpos e no espaço, é algo que se faz com eles. O corpo passa a transformar aquilo onde se cola, anunciando o repensar nas relações com o urbano, reordenando e provocando um prolongamento nas ideias de solidez, flexibilidade e ocupação da cidade (Fig. 3 e 4).

Fig. 3 e 4 - Ação *Meus desvios para o vermelho*, 2020, por Marina Rombaldi.



Fotografia: Desirée Ferreira. Edição: Rodrigo Onzi. Acervo da artista.

Pensemos na ação como forma de reconfiguração de um espaço fulcro da cidade de Porto Alegre, exemplificado pelo viaduto Tiradentes. Lugar de diferentes deslocamentos, direções, velocidades e tempos; sendo eixo que une dois espaços na área central da cidade. A base do viaduto, o limite entre o chão e o concreto vermelho que sustenta esse eixo ligante. No chão dessa base, encontram-se pequenas arquiteturas acinzentadas, degraus de concreto que vertem do chão de maneira diagonal, apontando diretamente contra o corpo, forçando sua saída, impedindo-o de permanecer. No limite vermelho entre o vertical e o horizontal, o *corpo-cor*. Durante a ação, pessoas circulando em diferentes compassos, veículos

passando em diferentes direções. Tempos coexistindo, também o tempo parado, tão lento que é quase imóvel. Cidade, tempos, fluxos, pausas. O *corpo-cor* estático, enquanto o mover acontece.

O corpo ali posicionado é fruto de instabilidades e construções; é uma estrutura que abraça o elemento orgânico e físico – um esqueleto – e o transforma em uma construção homogênea – um elemento de composição –, sem perder as qualidades da forma, tornando-as mais resistentes. Tem fisionomia ambígua: estrutura maleável, flexível, orgânica, fluida e lisa ao mesmo passo que firme, delineada, forte e dura; reforçando os limites da arquitetura do espaço, existindo no limite entre *corpo* e *coisa* – no mais gentil sentido de objetificação de uma forma que possa existir. Esse corpo sendo forma de escrever memórias do corpo nas memórias da cidade, criando novas *corpografias* urbanas mais livres e amplas, considerando as diversas subjetividades como possibilidade.

A referência que nomeia a ação é encontrada no trabalho do artista brasileiro contemporâneo Cildo Meireles, na obra *Desvio para o vermelho* (1967-1984). Apesar de essa obra se referir a um outro momento na história do país, a singular visão do artista de entrever as coisas do mundo pelos contextos políticos, sociais e culturais em seu trabalho ressoa, agora, atrelada a um outro contexto. A obra de Meireles é formada por três ambientes. No primeiro, o interior de uma casa com móveis e uma coleção inteira de objetos recolhidos, doados, emprestados, comprados e bem organizados (Fig. 5); tudo em tons variantes de vermelho. No segundo, um corredor escuro com um frasco caído do qual escorre um líquido vermelho que cria um trajeto que move o observador até o terceiro ambiente, onde existe uma pia branca desnivelada da qual escorre um líquido também vermelho.

Fig. 5 - Cildo Meireles, Desvio para o vermelho I: Impregnação, 1967-1984.



Foto: Pedro Motta.

São tomadas emprestadas as palavras do artista para identificar a ação, porque o que é feito ali também não deixa de ser uma coleção de espaços urbanos, como Meireles mesmo diz, “uma coleção de coleções”. Os espaços são coletados, ressignificados e libertos novamente como outra imagem e composição que é tão única porque mescla universo e entorno, uma sucessão de acontecimentos que só foi possível naquele exato tempo.

Em ambos *desvios*, as noções de espaço são reavaliadas por meio da identificação cromática, espaços em que a cor atua como elemento da ordem, “a cor é apresentada em sua potência máxima, encaminhando a experiência a uma situação-limite, a ponto de desnaturalizar o espaço” (TELLES, 2017). Em *Meus desvios para o vermelho*, o outro é convidado a ver o vermelho em potência máxima correlacionada ao ambiente urbano e ao comportamento no espaço público. Usando das palavras de Cildo Meireles, “somos levados a romper com uma atitude descorporificada da carne da vida; estamos no vermelho” (apud TELLES, 2017), trazendo a aproximação pelo ato corporal e a cor como estrutura e vivência presentes na cidade.

O corpo passa a ter a cor como sentido, formando a tríade *corpo-cor-espaço* que se dá em um local e de uma forma que não são estipulados *a priori*. A cor da cidade que salta e torna-se um *corpo-cor* + o corpo em carne que se transforma em um outro *corpo-cor*; a união de diferentes *corpos-cor* e diferentes estados de matéria, transcendendo os limites da presença no ambiente contemporâneo. A cor

não se delimitando a uma linha finita, esvaindo-se e tornando-se estrutura de si mesma e de outro corpo físico, também real e em um tempo próprio.

Considerando a experiência da vida como propulsora de atos poéticos, o corpo *mole-estruturado* próprio da ação serve como orientação para a *disfunção* do cotidiano, sendo meio de estabelecer uma relação viva com a cidade, torcendo os limites do corpo e do espaço e ampliando a noção da corporeidade. Interrompendo os fluxos contemporâneos; obrigando a fazer uma pausa e uma quebra no comportamento no espaço coletivo. De acordo com Bachelard (2003, p. 154),

Que fazemos de mais ao afirmar que um ângulo é frio e uma curva é quente? Que a curva nos acolhe e que o ângulo muito agudo nos expulsa? Que o ângulo é masculino e a curva é feminina? Uma pitada de valor muda tudo. A graça de uma curva é um convite para habitar.

Afinal, que fazemos demais, se não olhamos para os valores poéticos do espaço urbano? A graça da cidade é justamente o convite para habitá-la que fica por fazer. O ambiente programado continua a afastar o contato como forma de reforçar impedimentos e barreiras, rejeitando a convenção de como é possível estar presente no espaço urbano, acionando os sentidos, o corpo buscando acomodar-se em uma variedade de espaços tomados por cor. Pensando, ainda, na geometria dura da arquitetura e o corpo como constructo cultural que se desdobra, expande e questiona os limites.

Considerações finais

Ambas proposições tratadas nesse artigo têm como base o corpo das artistas em circulação e exposição no espaço urbano, criando novas formas de se relacionar com a cidade. Proposições artísticas como sugestões de novas formas de circular, sejam elas deflagradas por pequenos papéis distribuídos ou ligadas ao corpo, apontam uma transfiguração no tempo e a busca por reinventar e ocupar ambientes urbanos.

Panfletos aciona outras geografias por um meio discreto, uma nota ao pé de uma cidade de 1,5 milhão de habitantes. Já *Meus desvios para o vermelho*, faz corpo com a cidade pela presença intensa de um *corpo-cor*, que dificilmente passaria despercebido pelo transeunte dos locais onde a proposição ocorre. As duas ações são, em sua essência, abertas. Não há controle ou busca direta pelo retorno de como

reverberam no passante; elas se esvaem após ocorrerem. Nenhuma marca, sinal ou rastro delas sobra na cidade.

As duas proposições se situam nos entremeios do tempo e espaço, atraindo alguns olhares e buscando a *imantação* por meio da cor. Esta é usada no espaço coletivo como disparadora e pode ser vestida ou constituir um pequeno pedaço de papel; a busca pode ser pela interação com o mobiliário urbano ou solicitar um deslocamento pessoal. Agir a partir da cor; experimentar ou *reencantar-se* com as cores do mundo. A cor como *espaço imantado*, que salta aos olhos e que se propõe a gerar um visgo para o olhar.

O corpo não deve ser visto como recipiente de depósito das informações da cidade, mas como ponte de troca com o ambiente, seja este corpo um corpo artístico, seja ele vivente corriqueiro da cidade. Estar na cidade sem uma postura distanciada, elevada, despercebida, mas sim de forma atenta como as proposições poéticas sublinham, em estado perceptivo ao que circula e escapa ao planejamento urbano, é fugir do campo de operações programadas e, em teoria, organizadas por quem planeja a urbe. A percepção de elementos e situações que não é normalmente vista pode gerar novas trajetórias e captar fragmentos que são passíveis de alteração, trazendo outras representações e interpretações sobre os ambientes.

O contato que temos com o espaço urbano nos oferece possibilidades de desenvolvimento de pensamento simbólico; recriar e desenvolver reflexões sobre o que forma o urbano contemporâneo, revelar outras capacidades de *como estar* e *como romper* com um cotidiano. A hipótese com a qual muitas práticas artísticas trabalham é a de que ao estarmos mais conscientes e ativos ao desenvolver uma relação de proximidade com os espaços coletivos urbanos contemporâneos, somos capazes de realizar transformações, abrindo-nos para atravessamentos e encontros. Nesse estado de atenção que se constroem tensões e questionamentos que influenciam na criação artística, gerando alguns dissensos coletivos. Dissonâncias que, segundo Pechman e Kuster, postas em contato com o corpo do artista ou do público ou da cidade,

vai, ao menos ao longo do resto deste dia, incomodá-los com algumas perguntas. Para alguns, as perguntas se encerrarão em si mesmas, conduzindo a não mais do que algum pequeno desconforto. Para outros, talvez, elas possam representar uma oportunidade de reavaliar o seu cotidiano na cidade. (PECHMAN; KUSTER, 2010, p. 83)

As ações tratadas nesse artigo, nas quais o corpo em movimento aponta para outros locais e situações da cidade ou o corpo se fundona a um elemento urbano, são um convite para que observemos como a arte pode questionar a forma de existirmos e nos relacionarmos com uma grande metrópole contemporânea.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: M. Fontes, 2003.

Entrevista de Cláudia Zanatta à Marta Leite Montagnana. Disponível em: Identificar, relatar e marcar: Contrastantes entre experiências artísticas em Campinas e Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Poéticas Visuais. PPGAV, UFRGS, 2019.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. Annablume, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**. São Paulo: Vitruvius, ano 08, n. 093.07, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: breve histórico das errâncias urbanas. **Arquitextos**. São Paulo: Vitruvius, ano 05, n. 053.04, out. 2004. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

BORJAS-VILLEL, Manuel J.; VELÁSQUEZ, Teresa. (curadoria). **Lygia Pape**: espaço imantado. Textos de Paulo Herkenhoff [et al.]. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

PECHMAN, Robert; KUSTER, Eliana. Também sem a feli(z)cidade se vive: um panorama de encontros e desencontros pelas ruas das cidades contemporâneas. In: JACQUES, Paola B. (org); BRITTO, F. D. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, p. 80-105. 2010.

REIS, Paulo. Arranjos e Circuitos. **Permanente**, v. 2, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/rede/numero/rev-numero4/pauloreispra4>>. Acesso em 16 de maio de 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. In: **O tempo na filosofia e na história**, 1989, São Paulo. (Texto extraído da transcrição da conferência). Coleção Documentos, série Estudos Sobre o tempo, fevereiro de 2001.

TELLES, Martha. **Cildo Meireles**: a poética do desvio. *Poiésis*, Niterói, v. 18, n. 29, p. 281-293, Jan-Jun. 2017.

ZANATTA, Cláudia Vicari. **Habitar**: lugares de ver e de intervir com a cidade. Dissertação de Mestrado em Poéticas Visuais. PPGAV, UFRGS. 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3933>>. Acesso em 16 de maio de 2020.